



Árvore de estimação

Arquitetura, paisagismo e preservação podem e devem caminhar juntos. Aqui, essas casas foram adaptadas à presença de espécies que haviam no terreno

Texto: Daniel Keny

O jardim é essencial em uma casa, comumente é o ambiente preferido dos moradores, seja ele externo ou de inverno. Mas e se, além dele, houver uma grande árvore? E se essa árvore, segundo o seu arquiteto, puder ficar dentro da sua casa? É incomum, talvez exótico, mas alguns profissionais consultados nesta matéria conseguiram convencer os seus clientes de que era viável, e o resultado foi fantástico em todos os projetos.

Derrubar uma árvore de flora nativa envolve questões que vão além do paisagismo e do projeto arquitetônico do imóvel. Portanto, além de ser discutível do ponto de vista ecológico, esse tipo de intervenção depende de liberações expedidas pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMMA). O corte ou replantio requer prévia autorização – e, claro, é bom que seja assim para evitar derrubadas indevidas também.



Foto: Salvador Cordaro/Divulgação

PARA ATENDER O DESEJO da moradora de ter uma árvore dentro da cozinha, o arquiteto Sidnei Quintela aterrou parte do quintal e avançou com o ambiente até onde estava a planta. As esquadrias de madeira e vidro ampliaram a iluminação natural do ambiente, essencial para árvore nativa, e criaram uma integração com o paisagismo da área externa. Ao redor do caule, os pisos de madeira e cerâmicos têm uma abertura circular para os moradores efetuarem a rega da forma adequada, diretamente sobre o solo.

ASSINADA PELA ARQUITETA Bela Gebara e com paisagismo de Luciano Fiaschi, a casa tem uma charmosa fachada com volumes e panos de e vidro emoldurados em freijó. No exterior, o que mais chama a atenção é o deque sobre estrutura de maçaranduba, que contorna um antigo camará. O deck contorna a parte da árvore que não sofre alterações – o tronco – enquanto o solo foi mantido livre ao redor das raízes, que precisam de espaço, pois podem ser invasivas. Lá do alto, a copa sombra o canto preferido da moradora, que gosta de passar as tardes ouvindo o canto dos pássaros.



Foto: Divulgação

Seja por sugestão do profissional, por gosto ou por necessidade, a incorporação das plantas na construção é um desafio. Limites de afastamento dos arredores e o uso consciente do subsolo, para que as raízes não sofram danos, influenciam a decisão. O paisagista Leandro Arigoni elenca os principais cuidados: “Conseguir manter uma árvore no meio da casa não é algo tão simples. Não se pode obstruir a passagem do sol, então dê preferência a materiais translúcidos como vidro e policarbonato. Verifique a necessidade de manutenção da espécie e deixe espaço para a utilização de andaimes e escadas, pois, sem poda, galhos podem cair e danificar a edificação ou machucar as pessoas. Também é essencial instalar uma saída de água no canteiro, manter a altura do solo original e nunca cortar raízes próximo ao caule”.

É fundamental observar se a espécie possui raízes agressivas – aquelas que, por serem vigorosas demais, podem causar danos às estruturas da construção e instalações subterrâneas de gás, água e telecomunicações. Nesses casos, Arigoni não aconselha o cultivo perto das fundações. “Fícus, paineira e seringueira, por exemplo, podem destruir tubulações, pisos e muros”, alerta.

AS DUAS ARAUCÁRIAS presentes no terreno determinaram a implantação do projeto nesta residência localizada em um condomínio fechado, na zona norte de São Paulo. Os arquitetos Daniel Z. e Alexandre Sousa elaboraram uma arquitetura que abraça as árvores: a construção faz uma curva que avança sobre as araucárias e cria a sensação de integração. Para melhor aproveitamento do lote de aclave acentuado, foi construído um deck ao redor da casa, da piscina e das araucárias; a madeira tem vãos de 60 cm de diâmetro para que a água da chuva chegue às raízes.



Foto: Divulgação

NO MEIO DO LOTE, pitangueira, amoreira e cerejeira, embora estivessem saudáveis e frutificando, pareciam um obstáculo para a construção. Quando o arquiteto Daniel Z. assumiu o projeto, os proprietários não tinham certeza da permanência das grandes árvores. No entanto, Daniel os convenceu a preservá-las no quintal e desenhou a casa em função das frutíferas, criando dois volumes nas margens do terreno, sendo um a casa em si, em posição que privilegia a iluminação natural através de vãos de vidro, e o outro a espaçosa garagem coberta. No centro, um jardim de 23 m² acomoda as espécies, que não requerem nenhum cuidado especial, mas podem ser podadas e adubadas eventualmente.



Foto: Divulgação

DESENVOLVIDO PELA ARQUITETA Sandra Araújo, este projeto teve a árvore como ponto de partida. “O terreno apresentava muitas curvas de nível, e o único ponto mais plano tinha uma pereira no meio. Então surgiu a ideia de deixá-la no local e utilizar elementos construtivos rústicos para dar um ar de aconchego. Há muito material de demolição, por exemplo, os caixilhos e portas que foram reaproveitados de outra obra”, explica a profissional. Para tornar viável a manutenção da pereira, a arquiteta executou a parte da cobertura sobre ela com vidros, além das janelas. Dessa forma a árvore recebe luz solar abundante, enquanto os moradores se encarregam das regas regulares, com uma média de 5 litros de água, para manter o solo limoso (equilibrado com areia e argila) moderadamente úmido. Os frutos surgem entre fevereiro e março.



Foto: Gustavo Sosa Pinilla/Divulgação

É possível prever o tamanho das raízes com base na copa, elas relativamente proporcionais. A fim de evitar problemas com a permanência de uma árvore com características invasivas em um terreno que será modificado para edificação, há uma regra é um tanto simples: se o local for pequeno, além das espécies citadas por Arigoni, não aposte em manter falsa-seringueira, alfeneiros, chorão, eucalipto, casuarina e grevilha. Se for um ipê, jasmim-manga, resedá, quaresmeira, manacá, pau-brasil, acerola ou pitanga, por exemplo, é possível lidar mesmo em espaços menores. O arquiteto Daniel Z. afirma que, com o dimensionamento correto do espaço que as raízes necessitam, é possível lidar até mesmo com os ficus. “O mais importante é sempre respeitar a copa e o solo ao redor do tronco, mantendo o diâmetro aproximado permeável. O ficus, por exemplo, se tivesse o espaço adequado, não seria conhecido como o vilão das calçadas. No mais, é usar a criatividade na arquitetura”.

Embora a construção possa ser adaptada para envolver a árvore em interiores ou em áreas externas, não é recomendável que a copa fique sobre telhados, há sempre um risco de galhos se partirem, e os frutos irão cair constantemente na cobertura, a não ser que sejam colhidos antes do amadurecimento. “Vale também providenciar uma poda de condução para remover os galhos sobre o telhado e conduzir os novos ramos a outras direções”, completa Arigoni. Os procedimentos para podar a árvore envolta pela construção são os mesmos de árvores em locais comuns, mas com o cuidado de amarrar os galhos com cordas para evitar que causem danos na queda. Para esse tipo de serviço é recomendada uma equipe profissional e experiente. ♦

O USO RACIONAL DE RECURSOS e o design minimalista nortearam o projeto do escritório argentino BAK Arquitectos, até 2012 gerido pelos arquitetos María Victoria Besonías, Guillermo de Almeida e Luciano Kruk, que hoje atuam separadamente. Em meio a um bosque de pinheiros na região costeira de Mar Azul, em Buenos Aires, Argentina, o trio concebeu uma casa de veraneio de 80 m², em uma área com 3 metros de inclinação de uma ponta a outra da construção. Para driblar esse obstáculo e manter as árvores intactas, a morada foi erguida em concreto armado sob a sombra das copas, que mantém o clima ameno. Visando aproveitar o espaço irregular e reduzido dentro do bosque, os fundos da residência se apoiam em uma encosta, e ¼ da área construída corresponde à fachada com pé-direito duplo, onde dois grandes pinheiros atravessam a cobertura.



Foto: Divulgação

OS PROPRIETÁRIOS procuraram a arquiteta Flávia Ralston pensando que seria necessário remover as árvores do terreno em Cotia, São Paulo, mas a profissional criou o projeto de forma que todas as espécies nativas de Mata Atlântica do local fossem mantidas. “Não foi nem pela beleza, elas não são lá muito ornamentais. Foi o conceito de preservação que falou mais alto”, destaca Flávia. “A solução mais ousada é o deck de cruzetas suspenso, com o tronco encaixado dentro dele. Ali, em vez de fazer um guarda-corpo, optamos por um banco para contemplação da natureza ao redor”, completa.



Foto: Leonardo Finotti/Divulgação

NESTE PROJETO da Jacobsen Arquitetura, em parceria com o paisagista Gil Fialho, a entrada da casa é marcada por um grande jardim interno banhado de luz natural que leva às áreas íntimas. Apesar de não serem árvores, esses bambus (com formação de filodendros) eram presentes nos bosques nativos e foram incorporados ao projeto. Em alguns pontos, a espécie, de fácil manutenção, atravessa pavimentos por meio de aberturas no piso.